



**COMÉRCIO DE RUA EM FEIRA DE SANTANA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA TURMA DE 2ª ANO DO ENSINO
MÉDIO**

**STREET COMMERCE IN FEIRA DE SANTANA: A PEDAGOGICAL PROPOSAL
FOR TEACHING GEOGRAPHY IN A 2ND-YEAR HIGH SCHOOL CLASS**

**COMERCIO CALLEJERO EN FEIRA DE SANTANA: UNA PROPUESTA
PEDAGÓGICA PARA LA ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA EN UNA CLASE DE 2º
AÑO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA**

Larissa Santos da Conceição

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Graduanda de Licenciatura em Geografia

Larissasantos707@hotmail.com

Lívia Dias de Azevedo

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Professor

liviadias@uefs.br

RESUMO:

Este trabalho de conclusão de curso aborda o comércio de rua mediante a uma proposta pedagógica no ensino de geografia. Tem como objetivo principal compreender o conceito relacionando a prática e a geografia, a partir de uma proposta de intervenção que, foi realizada com alunos do ensino médio, a qual utilizou o conceito de lugar para trabalhar a geografia nesses espaços, e conduzir para a realidade do aluno, através das suas experiências e dos significados que foram atribuídos no comércio de rua. Está temática visa evidenciar a sua importância para a construção da cidade de Feira de Santana–BA e para o indivíduo.

ABSTRACT:

This undergraduate thesis addresses street commerce through a pedagogical proposal in geography teaching. Its main objective is to understand the concept by relating practice and geography through an intervention proposal carried out with high school students. This proposal utilized the concept of place to explore geography in these spaces, connecting it to students' realities through their experiences and the meanings they attributed to street commerce. This theme aims to highlight its importance in the construction of the city of Feira de Santana–BA and its significance for individuals.

RESUMEN:

Este trabajo de conclusión de curso aborda el comercio callejero a través de una propuesta pedagógica en la enseñanza de la geografía. Su objetivo principal es comprender el concepto, relacionándolo con la práctica y la geografía, a partir de una propuesta de intervención realizada con estudiantes de educación secundaria. Dicha propuesta utilizó el concepto de lugar para abordar la geografía en estos espacios y conectarla con la realidad del estudiante, considerando sus experiencias y los significados atribuidos al comercio callejero. Esta temática busca evidenciar su importancia en la construcción de la ciudad de Feira de Santana-BA y en la vida del individuo.

Palavras-chave: Comércio de rua, Proposta pedagógica; ensino de geografia; Experiência.

1. INTRODUÇÃO

O comércio foi definido como uma atividade voluntária de troca de produtos que poderia ser realizada por dois ou mais parceiros. Os homens tinham a necessidade do encontro e, neste momento, realizavam a troca de mercadoria, sendo esta a base para o que conhecemos hoje como comércio (Teles, 2017, p. 59). O comércio ao longo do tempo foi criando categorias como o comércio de rua.

À vista disso, o comércio de rua se constituiu ocupando ruas, becos e vielas nos tempos da colonização, ao qual o escravizado fazia trocas de mercadorias para sobreviver (Durães, 2012). Posteriormente, esse comércio passou a ocupar os centros das cidades a partir do crescimento do espaço urbano, o qual foi ampliando o trânsito de mercadorias e o fluxo de pessoas (Teles, 2017). Esse comércio é constituído por camelôs, ambulantes e feirantes, os quais são marginalizados pelo governo e categorizados como trabalhadores informais que habitam espaços públicos indevidamente.

A partir disso, compreende-se que a informalidade é inerente ao comércio de rua, e ao analisá-los, não se pode separar ambos os conceitos. Dessa forma, o comércio informal de rua é um lugar carregado de ilegalidades e pessoas marginalizadas para boa parte da sociedade e governantes, mas, para a população de baixa renda e trabalhador informal, este lugar é onde podem gerar o seu sustento e o próprio consumo (Teles, 2017).

Desse modo, ao remeter para o contexto do município de Feira de Santana–BA, o comércio de rua vem auxiliando o seu desenvolvimento a partir da sua formação direta com o espaço urbano por meio da troca de mercadorias e relações sociais, contribuindo, assim, para a economia, cultura e identidade do município. Porém, esta forma de comércio continua sendo invisibilizada, menosprezada e excluída pelos governantes. Alicerçado nessas informações, houve a necessidade de trazer o tema comércio de rua para o ensino de geografia mediante uma proposta pedagógica, com o intuito dos alunos se questionarem da importância que o assunto tem nas suas realidades e qual a necessidade de compreender a respeito.

Por conseguinte, como o comércio de rua faz parte da construção da cidade, da forma como ela se organizou e se estruturou, retomar essa origem é essencial para valorizar a cultura e identidade do lugar, ampliar o conhecimento dos sujeitos acerca dos seus conhecimentos cotidianos e científicos, e gerar através das suas realidades e vivências sentimento de pertencimento sobre o lugar, e de pensamento reflexivo sobre os espaços em que habitam.

Assim, é coerente e necessário fomentar essas reflexões acerca do tema, para que a prática pedagógica seja construída e ajustada a partir das realidades dos alunos. Dessa maneira, compreender a intencionalidade da prática pedagógica é saber que elas são vivas e ricas em interação, a qual são repletas de intencionalidade da aprendizagem do aluno, pois o sentido da práxis é repleto de intencionalidades que dão direcionamento à ação, necessitando de uma intervenção organizada e planejada para obter transformações da realidade (Franco, 2015, p. 604).

A partir disso, o tema proposto neste trabalho é produto de uma pesquisa realizada na Iniciação Científica, discente do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana, no qual o objeto de estudo foi o comércio de rua, mais especificamente, o camelô e o trabalho informal. Neste trabalho, primeiramente, será analisado o comércio de rua para posteriormente abordar a prática pedagógica e ensino de geografia, em especial, o conceito de lugar.

Portanto, a proposta pedagógica, quando conduzida de maneira construtiva, gera na sala de aula questionamentos, experiências, conhecimentos e reflexões que devem ser compartilhados em conjunto para desenvolver melhor o objeto de estudo. Assim, se faz necessário compreender como o comércio de rua em Feira de Santana pode ser desenvolvido/integrado como proposta pedagógica através do ensino de geografia, analisar as concepções dos estudantes sobre o comércio de rua, compreender como a geografia está presente no comércio de rua e, no final, desenvolver uma proposta pedagógica relacionando o comércio de rua e o ensino de geografia, para construir-se um pensamento ativo e transformador da sua realidade.

2. METODOLOGIA

Na presente pesquisa, a metodologia adotada é a pesquisa qualitativa do tipo intervenção. As abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam em uma perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformada (André, 2013, p. 97). Dessa forma, podemos compreender que o sujeito atribui e constrói significados distintos para cada experiência, interação social, linguagem e afins. Diante disso, a escolha por essa abordagem baseia-se no ato de compreender e interpretar as realidades e experiências dos sujeitos, promovendo o diálogo de forma reflexiva, com questionamentos realizados com os alunos sobre o comércio de rua de Feira de Santana.

Por conseguinte, há a necessidade de explicar o que é a intervenção na pesquisa qualitativa, para desenvolver de forma clara a metodologia da pesquisa. Pesquisa do tipo intervenção pedagógica “são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências” (Damiani et al., 2013, p. 58).

À vista disso, a pesquisa qualitativa do tipo intervenção na prática pedagógica, visa planejamento e preparação para as mudanças que serão realizadas ao longo do caminho da prática, pois os processos de aprendizagem têm reajustes, a partir das realidades dos sujeitos participantes. Sendo assim, o propósito desta metodologia é a existência do diálogo e da escrita com os alunos sobre o comércio de rua em Feira de Santana, e como isto interfere nas suas vivências e experiências, para a partir disso, fazer uma atividade que concilie o comércio de rua com o ensino de geografia.

A intervenção foi realizada com os alunos do 2º ano do ensino médio, turma A, de um Colégio Estadual de Feira de Santana. A escolha dessa instituição se deu por esta ser a escola pública de ensino do bairro universitário e pelo fato de a pesquisadora ter aproximação prévia com a instituição, por meio de um estágio no ano de 2022. A preferência da turma do 2º ano, por sua vez, se deu pela viabilidade de práticas reflexivas com adolescentes que já estão em um processo de formação mais avançado. Ao final, participaram da atividade todos os 15 alunos que estavam presentes no dia proposto.

Ademais, a intervenção ocorreu no turno matutino, durando em média 1 hora e 40 minutos, correspondentes a duas aulas, e seguiu o seguinte roteiro: inicialmente, a pesquisadora se apresentou e apresentou a pesquisa, descrevendo o plano de intervenção; posteriormente, houve um momento interativo para levantamento dos conhecimentos prévios, seguido pelo momento explicativo, em que foi apresentada a temática; depois, os alunos construíram um texto contando suas experiências com o comércio de rua e, por fim, houve a leitura e discussão desse texto.

3. O COMÉRCIO DE RUA EM FEIRA DE SANTANA-BAHIA

O comércio tem uma relação direta com a construção da cidade e a sua dinâmica social, cultural e política reflete diretamente na sociedade (Nery, 2023). Assim, cidades que tiveram movimentos históricos voltados a uma economia que levou a estruturar todo o espaço e lugar a

partir dessa circulação, têm ou tiveram o comércio como um marco importante na sua constituição, sendo exemplo disso Feira de Santana.

No que diz respeito ao município de Feira de Santana, ao discutir acerca da sua construção, é impossível não relacionar com as feiras do gado e livre, e os impactos urbanos e sociais que acarretaram. Segundo Poppino (1968) o surgimento de Feira de Santana teve origem com a Fazenda Santana dos Olhos D'água, que pertencia ao casal cristão Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, onde ergueram uma igreja para a devoção de Nossa Senhora Santana e São Domingos, e contou com a feira como marco comercial para a região que está localizada em rotas principais de comércio de variadas mercadorias.

Com isso, Silva (2014, p. 156-157) ao discorrer sobre a relação entre comércio e cidade, apresenta que esta foi estabelecida através do movimento histórico da feira livre, que foi reformulando as formas de comércio e vinculado ao processo de constituição da sociedade urbana. Ou seja, o comércio é fundamental na construção das cidades, a partir do momento que esses espaços comerciais interferem na reprodução de relações sociais, culturais, econômicas e políticas, e por modificarem os espaços em que estão inseridos.

Dessa forma, as formas de comércio fazem parte da gênese da cidade, onde a sua localização, estrutura e funcionamento, compõem o processo espacial urbano, a partir do momento em que o comércio contém e produz centralidade, revalorizando o espaço em que está inserido, por meio do aumento de fluxo de pessoas e circulação de produtos, impulsionando acessibilidade, infraestrutura e expansão de novas áreas. Ademais, Silva (2014, p. 164) apresenta que as formas de atividades do comércio criaram novas demandas e novos meios de produção da sociedade, o que gerou aumento na produção e no consumo, ampliando o surgimento de novas formas. O comércio de rua se enquadra em uma das formas de comércio, sendo pioneira na construção de cidades e reproduções sociais. Scazufca (2004, p. 2) caracteriza o comércio de rua:

Caracterizamos como comércio de rua, principalmente aquele praticado em imóveis lindeiros a vias públicas. Também outros como aquele que é praticado diretamente no espaço público, geralmente através de ambulantes, mas também em espaços fixos como bancas de jornal e comerciantes de produtos diversos com permissão de fixação de seu ponto comercial no espaço público. Passagens através de galerias privadas ou semi públicas por terem acesso irrestrito da população também podem estar nesta classificação. A principal caracterização está realmente no porte e na forma administrativa deste comércio, ou seja, quando falamos de comércio de rua estamos nos referindo a pequenos estabelecimentos, com gerenciamento familiar ou por poucos associados, geralmente estabelecimentos com pequeno aporte de capital.

Com isso, novas categorias foram criadas no comércio de rua de Feira de Santana para atender as (re)configurações criadas pelo governo nos espaços públicos, sendo elas: feirante:

“denominados(as) de feirantes aqueles(as) que atuam na venda de frutas, verduras e hortaliças da Marechal Deodoro e ruas do entorno”; ambulante: “os(as) ambulantes são aqueles(as) que atuam de forma itinerante com produtos diversos e/ou aqueles(as) que, mesmo tendo ponto fixo, armam e desarmam suas barracas, diariamente, como se reconhecem os(as) vendedores de frutas, verduras e hortaliças da Praça Bernardino Bahia e outros pontos da cidade”; camelôs: “os(as) camelôs possuem pontos fixos e atuam, via de regra, com a venda de confecções, sapatos, capas de celular e produtos diversos” (Costa, 2022, p. 33-34).

Pensar em comércio de rua é relacionar-se com o setor informal, porque esses dois conceitos são indissociáveis, a partir do momento em que no comércio de rua existem tantos trabalhadores informais sem terem seus direitos assegurados, tentando ganhar o seu sustento e de sua família. A partir disso, é possível compreender que, ao decorrer da história da feira popular como um comércio de rua em Feira de Santana, o comércio foi sendo modificado e modificando o ambiente em que se encontra, reestruturando, em diversos momentos, a economia, cultura e questões sociais. Um exemplo é a cidade de Feira de Santana, a qual foi criada a partir das feiras livres, mas, com o tempo, começaram a ser expulsas do centro da cidade e realocadas em locais de pouco fluxo, ou seja, o intuito é apagar e extinguir as feiras. Isto é:

[...] Pode-se observar que é quase impossível falar de Feira de Santana sem falar das “feiras”. Está registrado no imaginário dos feirenses o surgimento do município a partir de uma feira do gado e de uma feira livre. Porém, num certo momento, instaura-se um processo que culminaria na expulsão daquela que, outrora, seria orgulho para a cidade sertaneja. Da feira originária, sobrou a vocação para o comércio, a arte de comprar e vender, a receptividade e a fama de que em Feira de Santana acha-se tudo (Costa, 2022, p. 73).

A feira carrega simbologias, até os dias atuais, que influenciaram na construção da identidade da cidade, como a figura do vaqueiro, a pecuária e a ruralidade. Essa identidade rural começou a incomodar a elite feirense, pois eles entendiam que isto trazia um atraso no progresso e modernização da cidade. Com isso, as feiras foram, gradativamente, afastadas do centro para localidades distantes, também com o intuito de afastar a identidade da sociedade feirense do comércio de rua, ou seja, diminuindo o sentimento e as simbologias de pertencimento desses espaços (Nery, 2023).

Por ter um papel importante na dinâmica do município, a partir da sua contribuição econômica, social, cultural e geográfica, é coerente apresentar esse assunto no espaço escolar através de práticas pedagógicas e o ensino de geografia, com o intuito de trazer a percepção de mundo do aluno, do local ao global, através do conhecimento geográfico sobre lugar, e relacionar com o comércio de rua e o que representa/impacta nas suas vivências.

4. RELACIONANDO O CONCEITO DE LUGAR COM O COMÉRCIO DE RUA

A cidade é feita de movimentos que construíram e reconfiguram os espaços no presente, cercados de mudanças e permanências essenciais para as transformações que ocorrem na sociedade. Feira de Santana cresceu e se organizou a partir do comércio da feira (do gado e livre), a qual se consolidou na comercialização de animais, couro, artesanatos, entre outros. Com o seu desenvolvimento, pessoas de diversos lugares começaram a ser atraídas pelo comércio e variedade de mercadorias, porém, a feira é mais que um comércio, ali estavam presentes os encontros sociais, artesanatos e expressões culturais trazidas pela diversidade de etnias, raças e gêneros presentes no local. A feira fez com que o espaço fosse se desenvolvendo conforme as demandas do crescimento urbano e da população, modificando o lugar para suprir as necessidades apresentadas (Nery, 2023).

Pensar em feira livre e Feira de Santana, é relacionar tradição e identidade da população e da cidade. Com isso, Azevedo (2015 *apud* Nery, p. 71) discorre que:

A feira era o lugar da identidade espacial e social, do pertencimento, da construção dos laços de amizade e afetividade, do reconhecimento de si e do outro. Assim, a concentração de pessoas e mercadorias e a disposição dos produtos à venda favorecia o contato com o outro e favorecia também os espetáculos dos vendedores e artistas populares. O lugar, destarte, era aproveitado de forma intensa. A feira permitia a visualização da segregação social, daqueles que compravam muito ou pouco, daqueles que vendiam em barracas ou em carros de mão, e daqueles que acompanhavam seus empregadores/patrões.

Posto isto, ao trazer essa definição de feira livre para o contexto do comércio de rua em Feira de Santana e a relação com a geografia, percebe-se que o conceito de lugar se enquadra, uma vez que, encontra-se diversidade nas trocas sociais e culturais que começam pelos próprios vendedores (camelôs, ambulante e feirantes) ocupantes desses espaços, que recebem um fluxo de conhecidos e desconhecidos, realizam trocas culturais, experiências e mercadorias que dão sentido aos objetos existentes naquele lugar.

A partir das histórias vividas neste lugar, são atribuídos sentimentos, comportamentos e uma construção da identidade, pois nos espaços que o sujeito participa, contribui e habita, os elementos são criados a partir das experiências entre habitante-lugar. Tuan (1983) traz a perspectiva do lugar através das experiências:

Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento.

Assim, quando pensamos em lugar pela perspectiva de Tuan, compreende-se que ao vivenciar o lugar, o sujeito está aprendendo com ele, seja diretamente ou indiretamente. “Os lugares são centros aos quais atribuímos valor” (Tuan, 1983), pois cada sujeito atribui sentimentos e significados a partir das suas experiências de forma subjetiva e singular. À vista disso, o lugar só atinge uma “realidade concreta” quando o sujeito o experiência de forma completa, “isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (Tuan, 1983). Por isso, é essencial trazer o diálogo e o questionamento para a sala de aula, para que os alunos retratem as suas experiências e as reflitam para compreenderem a importância na sua realidade.

A autora Carlos (1996, p. 17) traz a definição de lugar através da seguinte perspectiva:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

Dessa forma, trabalhar o conceito de lugar através do comércio de rua em Feira de Santana, é trazer elementos do dia a dia para o conceito geográfico para que, como resultado, os alunos consigam interiorizar e relacionar os conhecimentos científicos e cotidianos. Ou seja, é importante conectar a sala de aula com o mundo real para que o aluno compreenda que as relações globais e locais que são estabelecidas com a totalidade, estão interligadas e produzem o lugar. Ainda segundo Carlos (1996, p. 20-21) pensarmos no cotidiano é entender que vivemos em uma escala local e mundial das coisas, onde a globalização faz com que haja mais fluxo de informações interligando o mundo. Assim, o lugar é composto de práticas sociais e relações, sentimentos, simbologias e significados que implicam na vida cotidiana de forma particular e plural.

Ao trabalhar a história do comércio de rua em Feira de Santana na sala, pretende-se que o aluno entenda o quanto é essencial ele ser um cidadão participativo nos espaços que ocupa na sua cidade, bairro, e rua, e consiga refletir sobre como esses lugares interferem no seu comportamento, na construção da sua identidade e na sua educação. Desse modo, compreende-se o quanto é essencial descobrir quais os conhecimentos dos alunos sobre a cidade e o comércio de rua, e os sentimentos e significados que são atribuídos a esses lugares a partir das suas experiências.

Ao estimular o aluno a compartilhar o que entende sobre o comércio de rua e o que esse lugar representa para ele, é estabelecido um compartilhamento de conhecimentos entre professor e aluno, a qual é essencial para a ampliação dos conhecimentos e contextualização do conteúdo para a realidade do aluno. Segundo Verdum (2013, p.94-95), a relação pedagógica não é assimétrica, ou seja, o professor e o aluno ensinam e aprendem, constroem e reconstróem o conhecimento de forma coletiva. Sendo assim, observa-se o quanto é necessário que a prática pedagógica tenha seu ponto inicial a partir da visão do aluno sobre a história do lugar onde vive, e assim seja construída e reconstruída, buscando a melhor forma de comunicação e desenvolvimento dos conteúdos com os discentes. Como consequência das discussões, questionamentos e diálogos, há ampliação da visão do aluno e do professor sobre as realidades que existem neste espaço.

Ademais, é por meio desses diálogos em sala de aula que as práticas são ajustadas para melhor interconectar os conhecimentos científicos e cotidianos. Da mesma forma, “As práticas pedagógicas caminham por entre resistências e desistências, em uma perspectiva dialética, pulsional, totalizante” (Franco, 2015, p. 606). À vista disso, as práticas pedagógicas são uma construção que perpassa por reflexões e diálogos para que elas sejam adaptadas a partir da necessidade individual de cada grupo, e esse processo é dinâmico e essencial no ato de educar.

Abordar os elementos locais, objetos e a história da cidade e do comércio de rua na sala de aula no ensino de geografia é um desafio constante, pois “estudar a cidade passa a ser um ato educativo e, ao mesmo tempo, um método de análise dos fenômenos e das relações que a estruturam” (Castellar, 2006, p. 102). Nesses espaços, existem ações políticas, sociais e culturais que interferem na dinâmica do lugar, ou seja, a cidade educa quando o aluno vive e entende sobre os lugares que transita e como isso afeta diretamente na construção da sua identidade, comportamento e pensamentos. Por isso, questionar o sujeito sobre os espaços que ocupa, seja por experiência própria ou por meio de interações com o outro e/ou meio, é crucial para o desenvolvimento da prática que sempre está em construção para que o objeto do conhecimento seja interessante, e esteja ligado ao cotidiano dos alunos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida no 2º ano do ensino médio, turma A, de um Colégio Estadual de Feira de Santana, localizado no bairro Campo Limpo, conjunto Feira VI; a escola conta com 63 professores, com 767 alunos matriculados nos anos finais, 408 no ensino médio, 177 no EJA e 45 na educação especial; sua estrutura contém dois pavilhões, biblioteca,

quadra, laboratório de ciências, entre outros. Além disso, os estudantes são, em sua maioria, residentes de bairros próximos como o Campo Limpo e Novo Horizonte.

Para a execução da intervenção foram utilizadas duas aulas no período matutino com duração de 50 minutos cada. Para apresentar as atividades escritas pelos alunos, foram utilizados nomes fictícios para nomeá-los. No primeiro momento, a pesquisadora apresentou a pesquisa aos alunos, detalhando o seu objetivo e como seria conduzida; seguido por um momento de indagação a respeito do comércio de rua, com o intuito de aproximar os alunos da temática; e assim saber quais os conhecimentos prévios.

Posteriormente, foi percorrido acerca da história da construção de Feira de Santana e sua relação com o comércio de rua, para que os alunos compreendam como é importante entender sobre os espaços em que transitam, seguido pela discussão acerca do conceito de lugar, relacionando-o com o comércio de rua, para que os sujeitos compreendessem como o ensino de geografia aplica-se no dia a dia.

Ao final da primeira aula, os alunos foram organizados em dupla, sendo distribuído uma folha de papel ofício para cada um e recortes de palavras relacionadas a temática, a exemplo das seguintes: comércio de rua, feira livre, camelô, ambulante, Feira de Santana, experiência, lugar, Marechal, Sales Barbosa, dentre outras; visando desenvolverem um texto contando as experiências que tiveram ao estar em um comércio de rua ou, caso nunca tenham ido, confeccionassem um texto sobre o porquê de nunca terem ido.

A atividade prática se estendeu durante 15 minutos do segundo horário e ao ser finalizada, foi solicitado aos alunos que realizassem a leitura dos seus textos e que explicassem como essas experiências no comércio de rua, em especial as feiras livres, implicam nas suas vidas, assim como, a importância de falar do conceito de lugar relacionado com o comércio de rua. Na atividade, a feira mais citada pelos alunos foi a Cidade Nova, ou seja, a maioria dos alunos da turma do 2º ano A moram em bairros próximos à Cidade Nova, desencadeando um acesso mais viável a esta feira do que a do centro da cidade. Ressalta-se que todos os alunos estavam com vergonha de participar deste momento, por isso, foi solicitado que cada dupla, em particular, realizasse a leitura para a pesquisadora.

O uso da escrita como recurso metodológico desenvolve habilidades por meio da interação, trocas de saberes, expressão do pensamento e instrumento de comunicação não verbal. Assim, a utilização da produção textual na produção da prática, foi essencial para conhecer quais as experiências dos alunos sobre o tema (Dolz, Gagnon e Decândio, 2010).

Após análise da atividade dos alunos, emergiram três categorias que revelam a experiência dos sujeitos sobre/com o comércio de rua:

5.1 Experiências e subjetividades no comércio de rua

A palavra “experiência” foi uma das mais utilizadas pelos alunos e, a partir disso, compreende-se que esse sujeito observou o espaço em que estava indicando os elementos presentes e os fluxos que ali existem, tendo uma percepção própria acerca do comércio de rua. Esse olhar crítico e reflexivo acerca do lugar e das vivências nele contribui para a construção de um cidadão participativo e reflexivo sobre os seus espaços e como eles interferem em sua identidade e formação social e política.

Dessa forma, na atividade de intervenção, foi solicitado aos alunos que eles desenvolvessem uma atividade escrita sobre o comércio de rua. No texto deveria contar as suas experiências e vivências sobre esse lugar e, posteriormente, discutir em sala o que foram essas experiências para eles. Assim, por meio da prática pedagógica o professor deve proporcionar uma ampliação dos conhecimentos científicos e cotidianos dos alunos para haver uma construção coerente e coesa dos conceitos, auxiliando no desenvolvimento e construção deste sujeito crítico, reflexivo e participativo na sociedade (Christan, Souza, 2020, p. 231). Neste sentido, é essencial trazer a fala do aluno Matheus para compreender suas experiências:

“Tive uma boa experiência na feira, onde pude vivenciar a essência do comércio de rua. Conheci a história dos produtores locais, desfrutei de produtos frescos e artesanais, e senti uma conexão através de toda a transição. Foi uma experiência enriquecedora que me fez valorizar mais o comércio de rua.” - Matheus.

Ainda se referindo a experiência, os alunos Gabriel e Nicole, relataram na atividade suas impressões, sentimentos e vivências que tiveram na feira livre de forma singular:

“Eu lembro do meu finado tio, grande homem, que vendia frutas todo dia no centro” - Gabriel.

“Eu ajudava minha mãe na cidade nova, no sol quente de 40 graus, com a lona fedendo a xixi de rato, tendo que lidar com gente feia e mal-educada, para no fim do dia não ganhar nada” - Nicole.

“Em Feira de Santana existe uma grande diversidade de coisas, como: frutas, artesanatos... Lá é aonde vou com minha mãe comprar frutas, verduras, tomo caldo de cana, como pastel... Lá tem também a venda de alguns animais de estimação como hamster, peixes, cachorrinhos, passarinhos e muitas coisas de artesanato” - Gabriel.

Nos relatos, os alunos expressam lembranças e sentimentos sobre as vivências no comércio de rua, como em situações que ocorreram com pessoas importantes nas suas vidas. E,

certamente, essas relações fazem parte da construção do que é o comércio de rua para eles. Ao falar dessas experiências, o autor Tuan (1983) ressalta que ela é “constituída de sentimento e pensamento”, pois “a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento”. Ou seja, o comércio de rua está imbricado nas realidades desses alunos, para interferir no comportamento social.

Segundo Tuan (1983, página) “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva”, ou seja, habitar um lugar e obter experiências não é o suficiente, precisa-se pensar e refletir como o ambiente afeta na sua realidade de forma singular e plural. Dessa forma, pode-se notar que nas atividades acima os alunos utilizaram-se de sentimentos para compor as suas experiências, e ao estar nesse lugar do comércio de rua, eles refletem o fluxo que existe nesse espaço, as dificuldades dos trabalhadores e a riqueza cultural, isso faz com que esse olhar crítico construa um cidadão mais ativo na sociedade.

5.2 Feira livre

O termo foi “feira livre”. Segundo Nery (2023), esta é pertencente ao comércio de rua e é expressa pelas pessoas que frequentam e trabalham nesses espaços da feira, uma diversidade social, cultural e de mercadorias que reafirmam como um local de exposição, criação e o compartilhamento de culturas. Na atividade da aluna Camila, é notável que a sua visão sobre a feira da Cidade Nova foi reflexiva ao identificar alguns elementos presentes nela, como relações de trabalho, sociais e culturais, ou seja, que estão interligados na dinâmica do local com o global.

“O comércio de rua em Feira de Santana, com camelô e feiras livres, é vibrante, diverso e contribui para a economia local, além de promover um ambiente multicultural. Eu já vi muitas famílias, praticamente morando no espaço onde fica a feira, especificamente, na cidade nova, na qual dava para ver a realidade deles. Nas feiras livres a gente pode ver o pessoal trabalhando pela sua sobrevivência” - Camila.

Corroborando este pensamento, a autora Carlos (1996) discorre que é essencial pensar o cotidiano, pois são nesses espaços que se realizam o local e o mundial, o qual é tecido pela maneira de ser, afetos e as formas individuais de viver de cada habitante, produzindo uma multiplicidade de sentidos. Dessa forma, entende-se que a feira livre, citada pelo aluno, é um lugar que sofre influência de agentes internos e externos que modificam e reconfiguram o ambiente.

Assim, por às feiras terem um papel fundamental na história, cultura e construção do município, é indispensável trabalhar no espaço escolar a temática, pois através do ensino de geografia e das práticas pedagógicas os alunos podem exercitar e construir um pensamento crítico, reflexivo e ativo sobre os lugares que habita e como os elementos e existentes nesses espaços podem contribuir para com a sua formação como cidadão e mudar a sua percepção de mundo

5.3 Comércio de rua

O termo utilizado foi “comércio de rua”. Ao analisar os discursos, percebeu-se que alguns alunos tinham pouco domínio acerca do tema, confundindo o conceito de comércio e o comércio de rua. Dessa forma, problematiza-se que existe uma fusão dos conceitos de comércio para algumas pessoas, como para o aluno Carlos, e essa dificuldade só ressalta a necessidade de trabalhar, em sala de aula, as definições de comércio, a sua importância na construção do município em relação à cultura, política e afins, na identidade da sociedade feirense, e como isso reflete nas realidades e vivências dos alunos. No final da atividade, o discente traz, de forma resumida, uma discussão importante sobre quem consome nesses espaços e a relação de troca que existe neles.

“Feira de Santana possui diversos comércios, como conjuntos de comércios, comumente chamados de feira livre. Minhas experiências com estes comércios são bem variadas, já que lá achamos os mais diversos produtos, com preços altos e baixos, dependendo do lugar, como as feiras de frutas, os pontos de lanchonete, aos quais usamos muito quando éramos mais novos. A classe média baixa e a classe baixa consomem muito desse comércio no dia a dia, mas não chegam a ser dependentes deles. Já os povos, como os camelôs, também possuem funções parecidas e movimentam muitos comércios locais” - Carlos.

Ademais, é necessário compreender o que é cada conceito para prosseguir com a discussão. O comércio de rua está relacionado com a criação de Feira de Santana, sua construção urbana, social, cultural e política. Scazufca (2004, p. 2) caracteriza o comércio de rua pela prática em imóveis, lindeiros e vias públicas, através de ambulantes nos espaços públicos e em espaços fixos como bancas com diversidade de produtos; O comércio sempre esteve presente desde a formação do município, porém, esse comércio foi se ramificando e apresentando outras formas de atividades dentro desse mesmo nicho, criando novas demandas,

novos meios de produção (Silva, 2014, p. 164). Sendo assim, as definições desses conceitos são separadas por diferentes formas de fluxo, produção e organização dos espaços.

Na fala do aluno Jonas, discorre brevemente sobre as suas experiências:

“Minhas experiências com o comércio de rua são com o feiraguay, muitas lojas, com diversidades de produtos, camisa, jogos, e acessórios nesse lugar” - Jonas.

Por conseguinte, ao refletir acerca da atividade de Carlos e Jonas, nota-se a necessidade de reafirmar a importância da prática pedagógica, da troca de conhecimentos entre professor e aluno, da ampliação destes no cotidiano dos discentes, desenvolvendo os conhecimentos científicos.

Assim, a prática precisa ser tecida e construída todos os momentos pelos sujeitos (professor e aluno) e, para ser modificada, precisa do envolvimento reflexivo do sujeito para com a realidade. A prática tem a intenção de aproximar os conceitos dos alunos para eles formarem pontos para um melhor desenvolvimento e ampliação dos conhecimentos. Com isso, o ensino de geografia fundamenta-se em desenvolver os conteúdos para que os alunos possam construir seus conhecimentos, ou seja, o intuito é ensinar que os conceitos predefinidos podem ser utilizados como instrumentos para desenvolver o pensamento geográfico (Christan, Souza, 2020, p. 229).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o comércio de rua está intrinsecamente ligado ao surgimento e organização das cidades, compondo a base das relações sociais e econômicas desse lugar; assim como, contribuindo para a formação do sujeito, e, por isso, é importante que este conceito faça parte do ensino da geografia das escolas, uma vez que se configura como essencial para o desenvolvimento do ser humano. Neste sentido, a prática de intervenção pedagógica destaca-se como uma abordagem metodológica efetiva, uma vez que permite a construção de conhecimento de forma participativa e que esse seja construído e reconstruído a partir do arcabouço e realidade do grupo.

A partir disso, os resultados da pesquisa geraram três eixos temáticos, sendo esses: experiências e subjetividades no comércio de rua, feira livre e comércio de rua; esses foram frutos dos pensamentos reflexivos sobre o tema. Nesse sentido, o primeiro eixo permitiu

compreender que o comércio de rua é um tema familiar aos alunos que possuem experiências prévias que também envolvem outras pessoas, como familiares; estas experiências foram ricas em subjetividade e simbologias sobre o lugar do comércio de rua, em especial a feira livre, onde relataram as suas vivências que enriqueceram a prática.

No segundo eixo, percebeu-se que a feira é vista como um fator essencial na economia do município, pois os cidadãos ainda mantêm o costume de utilizar esse lugar para comprar frutas, verduras e artesanatos; e isso ajudar a compor esse cenário de uma multiplicidade de culturas, trabalhadores informais e consumidores que através das relações sociais e mercadorias compõe a feira como um lugar marcado de simbologias e multiculturalidades.

No terceiro eixo, notou-se que o conceito de comércio e comércio de rua se entrelaçam, confundindo um pouco a percepção de alguns alunos acerca do tema. Isto é consequência da dissociação entre ambas as formas de comércio, com características distintas e atribuições variadas determinadas pelo governo para com os trabalhadores. Ademais, da mesma forma que a feira foi valorizada pela sua atuação em vários setores, o comércio de rua também é reconhecido pela sua atuação na economia, cultura e relações sociais.

A partir disso, conclui-se que o comércio de rua é uma temática de extrema importância para a formação do indivíduo, principalmente no que lhe concerne como ser social; entretanto, é visto que o próprio conceito ainda é permeado por dúvidas, fazendo-se necessário sua incorporação no ensino de geografia em realidade nacional e municipal. No que diz respeito à prática pedagógica, essa precisa ser planejada e posta em ação com a intencionalidade de reajustes a partir dos desafios que forem surgindo na sua construção, pensando na transformação da realidade do aluno.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação**. Revista da **FAAEB: Educação e Contemporaneidade**, p. 95-103, 2013.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **A cidade e a cultura urbana: um estudo metodológico para se ensinar Geografia**. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 85, p. 95-112, 2006.

CHRISTAN, Patrícia; DE SOUZA, Vanilton Camilo. **Prática espacial cotidiana no processo de significação da aprendizagem em Geografia**. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 223-240, 2020.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas**. **Sociedade & Natureza**, v. 16, n. 30, 2004.

COSTA, Sara Soares. **Bocapiu, esteira e gibão: os processos educativos construídos nas resistências de sujeitos-trabalhadores(as) na feira livre do centro de Feira de Santana (BA)**. Orientador: Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva. 2022. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de pós-graduação em educação e contemporaneidade, UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador - BA, 2022.

CARLOS, Ana Fani Alessandri et al. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DE LIMA VERDUM, Priscila. **Prática Pedagógica: o que é? O que envolve?**. Educação por escrito, v. 4, n. 1, p. 91-105, 2013.

DAMIANI, Magda Floriana et al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. Cadernos de educação**, n. 45, p. 57-67, 2013.

DA SILVA, Carlos Henrique Costa. **Estudos sobre o comércio e o consumo na perspectiva da geografia urbana. Geosul**, v. 29, n. 58, p. 115-144, 2014.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Trad. de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DURÃES, Bruno José Rodrigues. **Trabalho de rua, perseguições e resistências: Salvador no final do século XIX. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, 2012.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 601-614, 2015.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu, Anais... Caxambu: Anped, 2006. Sessão especial. 1 CD Rom.

NERY, Bárbara Karolynne de Souza. **FEIRA DE SANTANA: O REDESENHO E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA CIDADE A PARTIR DO PROJETO “NOVO CENTRO” (2020-2022)**. 147f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-Ba, 2023.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Ed. Itapuã, 1968.

SCAZUFCA, Mauro. **O Comércio de Rua e a Questão Urbana. Programa de ruas comerciais do Município de São Paulo até 2004. I Colóquio [inter] nacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem**, p. 2-8, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar a Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TELES, Alessandra Oliveira. **O comércio informal em Feira de Santana (BA): Permanências e mudanças**. 2017.